

Os fragmentos a seguir, obtidos em [www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br), foram extraídos do livro "Mobilização social um modo de construir a democracia e a participação", de José Bernardo Toro e Nísia Maria Duarte Werneck. Suas considerações sobre democracia, participação e mobilização, estão ancoradas em dois pressupostos com os quais estamos plenamente de acordo: "o horizonte ético é aquilo que dá sentido a um processo de mobilização" e "cidadão/ã é a pessoa capaz de criar ou transformar, com outros/as, a ordem social..."

Estes estratos são anúncios de temas que serão explorados, nesta seção, ao longo de 2008. Para refletir sobre o lema. Para rever nossos conceitos e práticas. Para projetar e fazer nascer o amanhã que desejamos.

A democracia é uma ordem social que se caracteriza pelo fato de suas leis e suas normas serem construídas pelos mesmos que as vão cumprir e proteger. A democracia é uma ordem auto-fundada.

Por isso, a democracia é uma cosmovisão, o que quer dizer que ela é uma forma de ver o mundo. Uma forma que aceita cada pessoa como fonte de criação de ordem social. A democracia não pode ser imposta, tem que ser quotidianamente construída. Ela é fruto da decisão de uma sociedade que acredita que é possível criá-la, a partir de uma unidade de propósito e do respeito pelas diferenças.

Ainda que não haja modelo ideal de democracia, toda ordem democrática está orientada a proteger e fortalecer os Direitos Humanos (fundamentais, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais) e a proteger e desenvolver a vida.

A Democracia é como o Amor: não se pode comprar, não se pode decretar, não se pode propor. A Democracia só se pode viver e construir. Por isso, ninguém pode nos dar a Democracia. A Democracia é uma decisão, que toma toda uma sociedade, de construir e viver uma ordem social onde os Direitos Humanos e a vida digna sejam possíveis para todos.

A Democracia não é um partido político, não é uma ciência nem uma religião; a Democracia é uma forma de ver o mundo, é uma cosmovisão, que parte do suposto de que fazer possíveis e cotidianos os Direitos Humanos e uma vida digna para todos são o que justifica todas as atividades de uma sociedade (políticas, econômicas, culturais, financeiras, educativas, familiares, etc.).

Democracia é uma decisão ética.

Por isso, a Democracia é uma forma de construir a liberdade e a autonomia de uma sociedade, aceitando como seu fundamento a diversidade e a diferença.

A participação em um processo de mobilização social é ao mesmo tempo meta e meio. Por isso, não podemos falar da participação apenas como pressuposto, como condição intrínseca e essencial de um processo de mobilização. Ela de fato o é. Mas ela cresce em abrangência e profundidade ao longo do processo, o que faz destas duas qualidades (abrangência e profundidade) um resultado desejado.

Considerá-la como meta e meio significa considerar a participação como um valor democrático: toda ordem social é construída pelos homens e mulheres que formam a sociedade. A ordem social não é natural e cada sociedade é que constrói sua ordem social. Porque ela não é natural é possível falar em mudanças. Quando a sociedade começa a entender que é ela que constrói a ordem social, vai adquirindo a capacidade de auto-fundar a ordem social, de construir a ordem desejada, vai superando o fatalismo e percebendo a participação, a diferença e a deliberação de conflitos como recursos fundamentais para a

construção da sociedade. A participação deixa de ser uma estratégia para converter-se em ação rotineira, essencial. Neste sentido, a participação é o modo de vida da democracia.

As maiores barreiras para que uma pessoa ou grupo se disponha a agir são o fatalismo e a desesperança. O fatalismo acaba gerando e, de certa forma, justificando um certo cinismo, uma vez que por causa dele aceitamos conviver com situações que condenamos. Por isso, o seu antídoto é o apelo ao compromisso, ao comportamento e aos valores éticos das pessoas. Mostrar e conseguir que as pessoas vejam que existem situações com as quais não podemos conviver, em relação às quais não devemos ser tolerantes.

Quanto à desesperança, o remédio é trabalhar o conceito de cidadania. É ele que vai aumentar a segurança, despertar a capacidade empreendedora coletiva e fazer com que as pessoas se sintam poderosas para produzir mudanças. E aí é só começar, os primeiros resultados vão reforçar e ampliar este sentimento.

"Talvez o mais trágico na sociedade brasileira atual não seja a existência da desigualdade, da miséria e da violência. O mais trágico é a naturalidade com que todos nós convivemos com esta realidade", escreveu Margarida Vieira em artigo intitulado "A banalização do mal" (Estado de Minas, 25/09/95).

Romper com este sentimento exige assumir o destino e a construção da ordem social. Aceitar que somos nós que a criamos, com nossas ações, nossas omissões e nossas permissões e delegações para que outros agissem por nós e por isso, podemos modificá-la.

(Mas) Como começar quando o imaginário não está muito claro?

A resposta é começando. Tendo um horizonte, alguns princípios, clareza dos conceitos básicos e dos valores, o imaginário vai se configurando aos poucos. Existem algumas fontes: a Constituição, as músicas, a literatura e, principalmente muita conversa. O importante é tê-lo delineado, não necessariamente de maneira definitiva e precisa. (...) A receita é atenção aos conceitos de democracia, cidadania e participação e coerência no cotidiano do movimento.

**NOTA:** No boletim anterior dissemos que seriam muito bem vindas ao MEDH em Rede as reflexões acerca da pergunta de Marcelo Andrade: *seria o MEDH um movimento social?* Agora acrescentamos mais. É nosso projeto publicar no último boletim do ano a leitura que fazem do MEDH, e de sua **inserção nele**, educadores e educadoras que o constituem. O MEDH em Rede continuará sendo o espaço para receber esses posicionamentos individuais e/ou coletivos. Envie suas reflexões para que o resultado alcançado seja expressão de muitos/as autores/as.

# Direitos Humanos na sala de aula

Datas Significativas

Abril

04 - Dia Contra a Prostituição Infantil

07 - Dia Mundial da Saúde

12 - Dia dos Jovens

22 - Dia do Planeta Terra (Dia da Terra)

28 - Dia da Educação

(que nossa forma de celebrar o dia 12, o futuro, seja proclamar o direito de tod@s a uma vida feliz, lutando pela concretização do que as demais datas anunciam).

"O exercício da cidadania não se restringe ao espaço da escola nem aos calendários eleitorais."

"Ser cidadão implica em entender que a ordem social não é natural, é uma construção histórica que pode ser reconstruída."

(colegas do CIEP Miguel de Cervantes que convergem e se complementam)

Participe

É hora de lembrar que as páginas centrais do boletim de julho estão liberadas para as produções das escolas (em anexo, orientações e prazos). Participe, professor/a! Envie-nos o que realizou. Sua experiência ensina e enriquece.

Apresentação

Este boletim foi escrito com dor e esperança.

Dor por um Estado doente. Esperança por acreditarmos na mudança, no surgimento de novos tempos, mais saudáveis em todos os sentidos. Por acreditarmos na educação comprometida com a formação cidadã, instrumento fundamental para a criação de novos tempos, assim como nossos/as parceiros/as do Fórum Mundial de Educação da Baixada Fluminense que acaba de ser realizado. Tal como Maria que, na rima de Milton Nascimento, mistura a dor e a alegria.

E estamos em marcha porque nós, tal como Maria, temos "gana sempre".

As atividades da "Sala de aula em movimento", baseadas nessas crenças, estimulam práticas coletivas, uma vez que só o coletivo em movimento é capaz de torná-las realidade. É preciso construí-lo, fortalecê-lo.

As idéias que compõem o texto para reflexão e as frases que trazem colegas das escolas parceiras para esta página revelam as mesmas convicções.

Enlaçando nossos fios, nos fortalecemos. Tal como Maria, que tem sonho sempre, nossa mania é ter fé na vida.

Abraço fraterno a todas as educadoras e todos os educadores, com jeito Maria. Fios indispensáveis.

A equipe

TECER A CIDADANIA,  
CONSTRUIR O COLETIVO,  
AFIRMAR OS DDHH

Editora: Susana Sacavino

Equipe Responsável:

Vera Maria Candau

Laura Cristina Campello do A. Mello

Cinthia Monteiro de Araujo

Iliana Aida Paulo

Marilena Varejão Guersola

Texto Final: Iliana Aida Paulo

Supervisão Editorial:

Adelia Maria Koff

Composição Gráfica:

Compañia Visual Manteca

Apoio



NOVAMERICA

Programa Direitos Humanos  
Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827

NOVAMERICA Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP: 22280-030 - Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL

Tel/fax: 2542 6244 - 2295 803 3 - E-mail: [escola@novamerica.org.br](mailto:escola@novamerica.org.br) - <http://www.novamerica.org.br>